

JOÃO GRILO, O DESMILINGÜIDO: A ESPERANÇA NO IMAGINÁRIO DO OPRIMIDO¹

JOÃO GRILO, THE WEAKENED: THE HOPE IN THE IMAGINARY OF THE OPPRESSED

André Adriano Brun²

RESUMO: Objetiva-se neste estudo refletir sobre os sentidos que o mito de João Grilo – bastante difundido no sertão nordestino – assume no imaginário dos sujeitos/atores que, direta ou indiretamente, com ele se identificam, perpetuando-o ao longo dos tempos. Aos que detém o poder e/ou são abastados, o mito – ao denunciar seus vícios – representa uma ameaça, apontando para a subversão da ordem. Entretanto, àqueles que, por seu aspecto físico e pela sua condição de miséria e escravidão, se identificam com o mito, João Grilo representa a esperança de dias melhores. Apesar de malandro, o caráter da personagem não perde totalmente o brilho e a dignidade, pois, ao não se apropriar do poder e da riqueza dos oponentes por ele derrotados, João Grilo não reproduz nem perpetua o sistema do qual fora vítima. Assim sendo, João Grilo, diferentemente dos metódicos caxias e dos cangaceiros caóticos, não é extremista, situando-se numa posição intermediária no rol dos heróis que povoam o imaginário folclórico-cultural brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, malandragem, perspectiva sociológica.

ABSTRACT: The objective of this study is to discuss about the meanings that the João Grilo's myth – largely spread out in the northeastern hinterland – assumes in the imaginary of the citizens/actors who, directly or indirectly, identify themselves with it, lasting throughout the times. To those that withholds the power and/or are wealthy, the myth – when denounce its vices – represents a threat, calling the attention to the subversion of the order. However, to those, because of physical features and the condition of misery and slavery, identify with the myth, João Grilo represents the hope of better days. Although a cheat, the personage's moral does not totally lose the brightness and the dignity because, when he does not take the power and the wealth of the defeated opponents, João Grilo neither reproduce nor perpetuates the system of which he is a victim. Therefore, João Grilo, differently from the strict person and the chaotic *cangaceiros*, is not an extremist, placing himself in an intermediate position in the heroes roll that are present in the folklore-cultural imaginary of the Brazilians.

KEY WORDS: Myth, cheating habits, sociological perspective

¹ Artigo elaborado e entregue como requisito parcial para a obtenção de conceito na disciplina de caráter eletivo, “Linguagem ficcional do século XX: literatura, sociedade e mito”, ministrada pela professora Dr^a. Rita das Graças Felix Fortes no Mestrado em Letras: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, de quem o autor do estudo foi orientando.

² Mestre em Letras pela Unioeste. E-mail: decobrun@ibest.com.br.

No início do ensaio, intitulado Pedro Malasartes e os paradoxos da malandragem, que analisa a representação do mito de Malasartes no imaginário folclórico-cultural brasileiro, Roberto Damatta (1997), ao expor a postura metodológica adotada para a sua elaboração, compara a sociedade a uma peça teatral e menciona que a mesma, assim como ocorre com os autores teatrais, também determina seus atores. Nas palavras do teórico, a sociedade

não inventa somente a peça e o enredo, o cenário e o palco, como fazem os teatrólogos. Vai além disso, criando também os papéis e os atores, bem como as condições em que a peça deverá ser encenada, e como será recebida. De modo que, ao estudarmos a dramatização (que é, como sabemos, um modo coletivo de expressão), estudamos conjuntamente os papéis sociais e os atores (DAMATTA, 1997, p. 254).

Segundo o autor, não se pode falar em mito sem descobrir imediatamente quem o reproduz e quem acredita nele. Ou seja, sem descobrir para quem o mito é produzido e, nessa perspectiva, se torna seu personagem.

Ao empregar a palavra acreditar, DaMatta (1997) faz questão de deixar claro que a mesma não se restringe, como comumente se faz nas análises sociológicas modernas, apenas ao receptor inocente da narrativa, mas também a seus sagazes criadores, os quais estão presos ao mito e às ações que ele desencadeia.

Mas, além de produtores e receptores diretamente envolvidos à trama do mito, não se deve esquecer daqueles atores que, dentro da sociedade que cria e reproduz o mito, ficam de fora “testemunhando silenciosamente a veracidade da narrativa e dando a ela, realmente, toda sua concretude” (DAMATTA, 1997, p. 255).

Em outras palavras, segundo o autor, uma análise sociológica que tenha o mito como *corpus* de investigação deve, necessariamente, levar em consideração todos os implicados no seu processo de produção e reprodução, incluindo-se aqueles que dele não participam diretamente ou participam indiretamente. Para elucidar, tome-se o mito de João Grilo como exemplo, substancial e significativo tanto para os sujeitos que sobrevivem no semi-árido nordestino como para os que vivem às custas da miséria destes: seus produtores e reprodutores diretos. Ele também deve ser estudado sob a óptica daqueles que não sejam sertanejos, como é o caso do autor deste trabalho ou dos nordestinos do litoral, mas que contribuem para a cristalização do mesmo, dele participando indiretamente.

Com base nesta linha de raciocínio proposta por DaMatta (1997), buscar-se-á, por meio da análise do perfil da personagem João Grilo, de suas características e atitudes face aos que detém o domínio sócio-político-econômico e ideológico, entender o significado que este mito assume seja no imaginário dos atores que com ele se identificam e se envolvem, seja no dos que com ele não se envolvem diretamente, mas também têm sua parcela de contribuição na perpetuação do mesmo, dando a ele *status* existencial.

UM AMARELO MUITO SAGAZ

João Grilo é uma personagem que povoa o imaginário folclórico brasileiro, sobretudo na região nordeste, pois é representado, ou simplesmente mencionado, em muitos textos de autores daquela região ou que a tematizam, como é o caso da literatura de cordel, da peça teatral adaptada para o cinema, *Auto da compadecida* (1955), de Ariano Suassuna, do romance *Carvará* (1984), de Ivan Bichara Sobreira, além, dos causos e dos contos de tradição oral, que se perpetuam em rodas de conversas de compadres e comadres³.

Fisicamente, João Grilo assume todas as características de um anti-herói, pois é pequeno, fraco, franzino, *amarelo* e desnutrido, ou seja, não possui os atributos estéticos e o porte de um verdadeiro herói cavalheiresco e romântico: alto, robusto, loiro, de olhos azuis, enfim, um príncipe encantado à espera do qual suspiram as donzelas.

Mas, João Grilo é infinitamente astuto. E sua esperteza é tamanha, que suplanta o seu porte miúdo, convertendo sua fragilidade em força. Com suas artimanhas, ele se agiganta: tal qual um Davi contra um Goliás. Se, pela sua aparência, ninguém lhe dá um centavo, pela sua capacidade inventiva de transpor e subjugar as adversidades e os algozes, muitos chegam a bajulá-lo ou a temê-lo.

A personagem, graças as suas traquinagens, enfrenta e afronta todas as instituições que se pretendem poderosas e ditam as normas, preceitos, usos e costumes sociais, de seu tempo e de seu ambiente. Ao mesmo tempo que enfrenta, ela denuncia os vícios e problemas destas instituições, algumas das quais, em nome, muitas vezes, da justiça ou de Deus, se proclamam sagradas e incorruptíveis. Na verdade, tais instituições são, de fato, infinitamente mais poderosas que o pobre João (ninguém) Grilo, mas no plano da imaginação, onde tudo acontece, é perfeitamente possível a subversão da ordem e a troca de papéis.

³ As datas constantes neste parágrafo dizem respeito à primeira edição das obras arroladas.

Freqüentemente, o Grilo astuto se vê digladiando, sobretudo verbalmente, com padrões exploradores, coronéis latifundiários, com soldados opressores – representantes do Estado –, com a Igreja pecadora, uma vez que humana, na figura de padres, bispos e de representações sagradas, como a Virgem Maria, Jesus e Satanás, e, finalmente, com os cangaceiros, semeadores do caos e do medo. E a todas estas instituições e seus representantes o Grilo consegue dobrar, subjugando-os da forma mais travessa, cômica e debochada possível, sem precisar valer-se de arma ou força física, haja vista que ele não as possui, pois, além de pequeno, é pobre.

João Grilo, assim como o Malasartes, analisado por DaMatta (1997, p. 295), “é associado em todos os episódios de seu famoso ciclo a uma série de elementos infra-sociais ou francamente marginais”, como cadáveres, sangue e excrementos, utilizados para enganar seus oponentes, além das roupas velhas e do porte miúdo,

ao passo que o fazendeiro (ou quem está colocado pela estrutura dos episódios nesta posição) associa-se sempre às boas roupas e comidas, às casas e fazendas vistosas, aos animais de tração, carga e corte, ao dinheiro, poder e riqueza, e, como não poderia deixar de ser, a traços altamente negativos e compensadores, como a avareza, a velhacaria ou a desonestidade (DAMATTA, 1997, p. 295).

Trata-se, pois, do expediente da oposição sistemática entre o poder dos fortes e o poder dos fracos, empregado para o próprio desenrolar do mito.

Em *Proezas de João Grilo*, de José Bernardo da Silva, e *Novas proezas de João Grilo*, de Paulo Nunes Batista, ambos de 1958 e de literatura de cordel, o espaço de circulação da personagem ultrapassa os limites do sertão nordestino, adentrando em territórios de outros países e de outros continentes. Talvez, isto aponte para a universalidade do mito e/ou para sua essência andarilha. Entretanto, em termos de Brasil, a personagem circunscreve-se exclusivamente ao sertão nordestino. Ou seja, sua identidade está intimamente atrelada ao sertanejo e à sua terra, abrasada pela miséria advinda da seca e pela exploração daqueles que, em virtude da seca, qual carcarás, alimentam-se e enriquecem às custas do suor e do sangue do povo sofrido, dos inúmeros joãos que por lá subexistem.

Geralmente, quando João Grilo não consegue dobrar os poderosos, com os quais ele convive seja por força da necessidade ou por ocasião, por meio de encenações e de atitudes sagazes, as batalhas são travadas utilizando-se o expediente do desafio verbal. Os *grandões* ultimam o franzino Grilo falante, com fama de experto, a responder a uma série de charadas – perguntas do tipo “O que

é? O que é?”, feitas com a finalidade de confundir o interlocutor –, para que ele, dessa maneira, prove toda a sua sapiência.

Entretanto, a batalha não é tão simples assim! Os desafiantes, dado que poderosos, impõem as condições que acreditam ser plausíveis, revelando toda a sua tirania. Frequentemente, caso não responda imediata e satisfatoriamente às perguntas propostas, João Grilo é condenado à morte ou a algum castigo imensamente doloroso. Já os desafiantes prometem ao desafiado um bom prêmio, de certo valor econômico, em geral, muito menor que toda a fortuna acumulada por eles. Mas, apesar de todas as adversidades impostas, a personagem consegue vencer e, senão tudo, pelo menos diminuir o cabedal de seus adversários. É o que sucede, por exemplo, n’*O auto da compadecida* (2000) – o filme –, quando o Major Antônio Hermínio de Moraes se vê obrigado, depois de ter desafiado João Grilo e perdido, a empregá-lo e, assim, a ter por perto aquele que irá tramar contra a sua fortuna, arquitetando o casamento de Rosinha – a filha do Major – com Chicó, o melhor amigo e cúmplice de João.

Caso perdesse o desafio, a personagem deixaria que o Major Antônio de Moraes tirasse uma tira de couro de suas costas, uma vez que não tinha nada em troca para lhe dar. Para DaMatta (1997, p. 286), baseado em Cascudo (1966), a tira de couro das costas é significativa, pois é “símbolo claro de uma exploração violenta pela aproximação direta do homem com o animal de carga ou tração e do trabalho com o peso insuportável de uma carga, que tira o couro das costas”.

A ESPERANÇA NO IMAGINÁRIO DO SERTANEJO

Assim como a personagem Zé Povinho – criado por Rafael Bordalo Pinheiro na *Lanterna Mágica* (1875) e analisado por João Medina (2006) – representaria a essência caricatural do portuguesismo, do “Homo Lusitanus”, pois “ele é Portugal, um certo Portugal ou uma certa maneira psicológica de retratar o português com muitos defeitos (e algumas virtudes também) devidamente realçados e caricaturados” (MEDINA, 2006, p. 145), o João Grilo resumiria a essência do povo sertanejo, pois, como já se viu, ele circunscreve-se, em termos de Brasil, àquele espaço onde a seca e a miséria grassam e é explorado ou intimidado por inúmeros indivíduos – representantes de instituições – que por lá ditam as regras ou delas são descumpridores, como é o caso dos cangaceiros ou pistoleiros.

João Grilo, diferentemente da maioria dos heróis que povoam o imaginário ocidental, não é detentor de nenhum poder sobrenatural, tampouco elementos mágicos conspiram para sua ascensão

gloriosa final. Ele, assim como Malasartes, impreterivelmente, vence no final, porém, conforme aponta DaMatta (1997), não se prende à riqueza conquistada sagazmente para usufruí-la até findarem seus dias. É muito mais um herói andarilho, que prefere errar pelo sertão do que converter-se, pelo espólio conquistado, em mais um explorador como tantos outros por ele duramente criticados e ironizados durante toda sua trajetória. Portanto, João Grilo rejeita recriar o sistema de opressão de que fora vítima e que faz vítimas muitos de seus iguais.

Entretanto, apesar de renunciar reproduzir o sistema, convertendo-se de oprimido em opressor, João Grilo, no plano da ética, é um legítimo malandro – palavra muito sutil para designar mentiroso e/ou ladrão. E esse detalhe – defeito para os moralistas de plantão – de seu caráter não passa despercebido, tanto é assim que, tanto no filme como na peça de Suassuna (2004), a personagem, apesar de herói, é punida com a não absolvição imediata no final pela providência divina – a máxima representante da justiça, superior, inclusive, à dos homens, no contexto rural e predominantemente católico em que a trama se ambienta –, recebendo, como castigo ou advertência, uma nova oportunidade, ou seja, voltar à vida depois de ter morrido e sido julgado no auto do qual tomara parte, como advogada, a *Compadecida*.

Para João Grilo, a malandragem é uma forma autêntica de sobrevivência e de luta frente às adversidades, sobretudo àquelas impostas pelos que detém o poder e, geralmente, são abastados. A malandragem, portanto, no seu entender, não constitui um problema ou pecado grave, pois não é utilizada para engrandecimento próprio ou para ascensão econômica, mas, sim, para a promoção da justiça social. Sobre isto, lêem-se os seguintes versos do cordelista Paulo Nunes Batista:

Grilo pra tudo no mundo/ Tinha uma definição,/ A sua filosofia/ Sempre lhe dava razão,/ Pois seguia este ditado/ Que diz – “Está perdoado/ Ladrão que rouba ladrão...”// Vivendo embora do crime/ João Grilo era caridoso,/ Auxiliava a pobreza,/ Só furtava o poderoso,/ Roubava sempre dos nobres,/ Matava a fome dos pobres,/ Mostrando ser generoso (BATISTA, 1958, p. 28).

Vê-se logo que, por ser muito próximo do ser humano comum, não possuir nenhuma força sobre-humana e por rejeitar a riqueza à corromper-se, a personagem, conforme o cego Alexandre, personagem do romance *Carará* (1988), de Ivan Bichara, representaria a esperança de libertação ou um simples modelo inspirador para o sofrido povo nordestino (sertanejo). Este, debilitado fisicamente pela miséria e pela seca, estabelecería um laço de identificação com a personagem

fisicamente semelhante a ele. E esta personagem, lhe traria um novo alento, um pingo de esperança, face à terrível realidade e aos obstáculos da vida.

Os roteiristas d'*O auto da compadecida*, no final do filme e do julgamento dos mortos, conseguem captar perfeitamente o laço de identificação que se estabelece entre João Grilo e o povo sertanejo. A personagem, quando é chegada a vez de seu julgamento, ao invés de defender-se e de aceitar pacificamente a intervenção da Compadecida, contesta a defesa de Nossa Senhora e praticamente aceita sua condenação ao inferno. Mas, Nossa Senhora, compadecida por João, insiste e busca redimi-lo assim mesmo. Durante a fala da Virgem, cenas reais, em preto e branco, de crianças, velhos, trabalhadores, mulheres e retirantes sertanejos entrecortam seu discurso em prol de João Grilo, identificando-o a todos eles. As fotografias trazem sertanejos em poses extremamente pungentes e melancólicas e, além do efeito de aproximação identitária entre eles e a personagem, produzem o efeito de solidariedade nos tele-espectadores. Ante a insistência de João Grilo em se auto-condenar, pois não vivera como um santo, abusando do expediente da mentira, Nossa Senhora apela à seu filho:

João foi um pobre como nós, meu filho! E teve que suportar as maiores dificuldades de uma terra seca e pobre como a nossa! Pelejou pela vida desde menino... Passou sem sentir pela infância... Acostumou-se a pouco pão e muito suor... Na seca, comia macambira... Bebia o sumo do xique-xique... Passava fome... E, quando não podia mais, rezava... Quando a reza não dava jeito, ele se juntava a um grupo de retirantes, que ia tentar sobreviver no litoral... Humilhado... Derrotado... Cheio de saudade... E, logo que vinha a notícia da chuva, pegava o caminho de volta... Animava-se de novo, como se a esperança fosse uma planta que crescesse... E quando revia a sua terra, dava graças a Deus pelo sertanejo pobre, mas corajoso e cheio de fé... Peço muito, (...) que não lhe condene! (ARRAES, 2000)⁴.

João Grilo simboliza um fio de esperança para os que, assim como ele, estão na miséria e são debilitados fisicamente, mas também, e só nos momentos de extremo desespero, simboliza um alento àqueles que foram seus algozes durante a vida. E é aí que mora o barato do seu caráter, pois, apesar de malandro, é capaz de perdoar, lutando, na hora do julgamento final, para defender, inclusive, aqueles que o subjugaram e exploraram durante a vida. Na peça *Auto da compadecida*, quando todos achavam que não havia mais saída, primeiramente, João Grilo, à sua maneira, debocha deles, para depois, ajudá-los e, de certa maneira, subjugá-los à sua esperteza, invertendo as posições, isto é,

⁴ Citação transcrita de forma aproximada ao discurso da Compadecida no filme.

passando de oprimido à peça chave na salvação dos seus opressores, ao recorrer ao expediente de invocar a Compadecida para ser a mediadora deles no julgamento. Veja-se:

JOÃO GRILO: E quem foi que disse que nós já fomos julgados pela justiça?

PADRE: Você mesmo ouviu Nosso Senhor dizer que a situação era difícil.

JOÃO GRILO: E difícil quer dizer sem jeito? Sem jeito! Sem jeito por quê? Vocês são uns pamonhas, qualquer coisa estão arriando. Não vê que tiveram tudo na terra? Se tivessem tido que agüentar o rojão de João Grilo, passando fome e comendo macambira na seca, garanto que tinham mais coragem. Quer ver eu dar um jeito nisso, Padre João?

PADRE: Quero, Joca.

JOÃO GRILO: Agora é Joca, hem? E você, Senhor Bispo?

BISPO: Eu também, João.

JOÃO GRILO: Padeiro?

PADEIRO: Veja o que pode fazer, João.

JOÃO GRILO: Severino? Mulher e cabra?

MULHER: Nós também. Nossa esperança é você (SUASSUNA, 2004, p. 167-8).

Além de apelar para a Compadecida para salvar a *pele* de seus companheiros de morte – inimigos em vida –, João Grilo, vendo que a sentença dos mesmos não lhes seria favorável, tenta ainda uma vez ajuda-los:

JOÃO GRILO: Um momento, Senhor. Posso dar uma palavra?

MANUEL: Você o que é que acha, minha mãe?

A COMPADECIDA: Deixe João falar.

MANUEL: Fale, João.

JOÃO GRILO: Os cinco últimos lugares do purgatório estão desocupados?

MANUEL: Estão.

JOÃO GRILO: Pegue esses cinco camaradas e bote lá (SUASSUNA, 2004, p. 181).

Mário Guidarini (2006, p. 152), em estudo recente sobre a intertextualidade e a interdiscursividade na peça de Ariano Suassuna, também aponta para a identificação entre a dupla pícara, João Grilo e Chicó, e a platéia, a qual, diante de “chistes e afirmações bombásticas, interpretações equivocadas e falsas identidades”, explode em risadas. Segundo o autor, João Grilo e seu fiel escudeiro são “máscaras sedutoras de tipos identificados pelos espectadores na prática social do dia-a-dia”, pois “riem-se das próprias irreverências e incongruências irônicas entre ser e parecer”.

Assim como Malasartes, que para DaMatta (1997), por ser malandro, é uma personagem paradoxal, João Grilo também situa-se na zona intermediária do convívio social, ou seja, não é tão extremista quanto os revolucionários e renunciadores, cujos melhores exemplos podem ser

encontrados em Antônio Conselheiro e em Lampião, tampouco quanto os sistemáticos caxias e tantas outras categorias de militares, que apregoam a ordem acima de tudo. João Grilo, tal qual o Malasartes, é paradoxal, pois

não renuncia completamente à ordem, mas também não fica na plena marginalidade. Sua escolha, sejamos finalmente claros, é da esfera intermediária, aquela zona da inconsistência onde não ter caráter significa justamente o inverso: ser um homem de caráter e nunca, jamais, pretender reformar o mundo apresentando-se como o grande exemplo (DAMATTA, 1997, p. 301).

Dito de outro modo, João Grilo é um legítimo representante do malandro que, sem caráter, engana seus oponentes e opressores, contudo, seu caráter desviante, é redimido e o dignifica pela sua renúncia eterna ao poder, o qual significa, como já se viu, dar continuidade à lógica do sistema, que consiste em explorar os fracos e indefesos pelo abuso de autoridade. No capítulo 02 do romance *Carcará*, nota-se a presença de uma outra personagem que povoa o folclore nordestino: é a figura do cego cantor de feira. Segundo o folclore, os cegos, geralmente, são excelentes ouvintes e, principalmente, intuidores, além de guardar, alguns, uma certa amargura por não poderem usufruir visualmente das coisas da vida, como é o caso do cego Alexandre, do referido romance. Por serem bons ouvintes, os cegos teriam desenvolvido melhor a capacidade de guardar na memória os sons e as histórias ouvidas e/ou por eles protagonizadas. Por isso, haja vista esta capacidade, é freqüente ouvirem-se causos em que os cegos cantores são protagonistas ou os cantores de causos tradicionais, como a história das proezas de Pedro Malasartes, por exemplo.⁵

JOÃO GRILO *ET ALII*

O cego cantor Alexandre é uma personagem que, sempre na feira, pratica sua arte, vivendo da esmola alheia. O repertório da personagem é repleto de causos que, como os de João Grilo, escrachadamente, ironizam e atacam pessoas e instituições afamadas da sociedade. Por esse motivo – sua língua ser demasiado ferina – e por seu passado ser desconhecido, a personagem é considerada uma ameaça constante e não raras vezes sofre agressões e é levada presa, a dormir no “hotel ruim do governo” (SOBREIRA, 1988, p. 44), como ela chama a cadeia.

⁵ Uma boa pedida sobre este assunto é o documentário “A pessoa é para o que nasce” (2004), produzido por Roberto Berliner, que retrata a sina de três irmãs cegas de Campina Grande – PB, as quais sobrevivem cantando e tocando ganzá nas principais cidades e feiras do nordeste.

Segundo o cego, a história das presepadas de João Grilo era a mais solicitada pela criançada que, sempre, na feira, o rodeava para ouvir causos novos e antigos. Os meninos não se cansavam nunca das histórias desse famoso cabra safado. Conforme o narrador de *Carcará*,

todos os meninos pobres do sertão se vingavam da sorte com as estripulias do moleque que parecia ter raça com o Capeta. As autoridades prepotentes, um comerciante mais ladrão do que os outros, um padre doido por dinheiro, um marido enganado, o sacristão safado, o soldado malandro, todos eram chamados à cena na linguagem direta, maliciosa, chocante, rica, da sabedoria popular (SOBREIRA, 1988, p. 43).

Além de João Grilo, outras duas personagens, igualmente míticas, folclóricas e sagazes, despertavam a identificação e a esperança no homem explorado do sertão, principalmente nas crianças. Nas palavras do narrador, “os meninos João Grilo, Cancão de Fogo ou Pedro Malasartes representavam, nos seus golpes, na sua astúcia, nas suas safadezas, o adormecido instinto de rebeldia da raça sofredora e aparentemente resignada” (SOBREIRA, 1988, p. 44)⁶.

Somente um estudo minucioso e comparativo poderá elucidar o grau de parentesco entre tais personagens. Sugere-se, a partir da leitura de Damatta (1997) e da leitura de contos latino-americanos, sites em *Contos populares para crianças da América Latina* (1988), que o mito de Pedro Malasartes tenha origem na Península Ibérica e que, do outro lado do Atlântico, via conquista e colonização, desembarcou nos trópicos, espalhando-se pelos mais diferentes países e adaptando-se muito bem aos usos e costumes locais. Na Venezuela, o mito que é Malasartes no Brasil, recebe o nome de Pedro Riales, já entre os guatemaltecos recebe a alcunha de Urdemales. No Brasil, há um texto de literatura de cordel, no qual se anuncia que o neto de Pedro Malasartes, de nome João Malasartes, cujo caráter era semelhante ao do avô, veio de Lisboa para o Brasil, aportando em Natal – RN, onde principiou a aprontar suas presepadas. Não será de admirar se alguém, via comprovação científica, venha a descobrir que este herdeiro do Pedro Malasartes ibérico tenha dado origem ou, pelo menos, inspirado o nosso João Grilo, emprestando-lhe, inclusive, o primeiro nome.

Como não é tarefa e objeto deste estudo investigar a gênese e a evolução diacrônica de cada uma destas personagens, limitar-se-á, apenas, à constatação de que, independente da origem, ou seja, de qual teria surgido primeiro e influenciado a(s) outra(s), as três possuem semelhante essência e

⁶ Sobre o mito de Cancão de Fogo sugere-se a leitura do cordel *A vida de Cancão de Fogo*, de João Martins de Athayde, dentre outros, que podem ser encontrados no site: www.museudofolclore.com.br, no link cordelteca, arquivos digitais.

caráter, e, por tal motivo, representam a chama da esperança onde a escuridão da miséria e da exploração abundam.

CONCLUSÃO

Viu-se, neste estudo, que a personagem João Grilo aproxima-se, pela semelhança de caráter, aos mitos de Pedro Malasartes e de Cancão de Fogo. E que a personagem caracteriza-se pela malandragem e pela esperteza, além de ser, impreterivelmente, descrita, fisicamente, como frágil e raquítica.

Se a esperteza, por um lado, contribui para diminuir um pouco o brilho e a grandeza da personagem, por outro lado, a renuncia da mesma em apossar-se do espólio de seus oponentes, após tê-los derrotado, a enobrece e a dignifica, situando-a numa posição intermediária no rol dos heróis que povoam o imaginário folclórico-cultural brasileiro.

A personagem estabelece laços de identificação com o homem oprimido do sertão, devido a seu nome, a sua condição miserável, a seu porte miúdo e a sua situação de escravização. Dados todos estes pontos intersticiais entre a personagem desmilingüida e o sertanejo, o mito de João Grilo simboliza a esperança no fundo da Caixa de Pandora, adormecida no seio do oprimido, obrigado a sobreviver em meio à seca e à exploração de latifundiários e de outras instituições, tanto é assim que, o caráter malandro da personagem não obnubila a dignidade por ela conquistada, ao renunciar reproduzir o sistema, ocupando um alto posto na hierarquia social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ATHAYDE, J. M. de *A vida de Cancão de Fogo*. S.l.: s.n., 19--.
- ARRAES, G. *O auto da compadecida*. São Paulo: Globo filmes, 2000. (104 min.).
- BATISTA, P. N. *Novas proezas de João Grilo*. São Paulo: Prelúdio, 1958.
- BERLINER, R. *A pessoa é para o que nasce*. Rio de Janeiro: TVZero, 2004. (84 min.).
- DAMATTA, R. "Pedro Malasartes e os paradoxos da malandragem". In: *Carnavais, malandros e heróis*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. (p. 249-301).
- GUIDARINI, M. "*Auto da Compadecida: intertextualidade e interdiscursividade*". In: *Trama*. v. 2, n. 3. Cascavel: Edunioeste, 2005.
- LIRA, L. R. de. *A vida de João Malazarte*. S.l.: s.n., 19--.

-
- MEDINA, J. “Rafael Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho, auto-caricatura do português”. In: *Línguas & Letras*. v. 6, n. 11. Cascavel: Edunioeste, 2006. (p. 137-148).
- ROCHA, A. A. *et al.* (orgs.). *Contos populares para crianças da América Latina*. (Tradução e adaptação de Neide T. M. Gonzáles). Ática: São Paulo, 1988.
- SILVA, J. B. da. *Proezas de João Grilo*. Juazeiro do Norte: Ed. Prop. José Bernardo da Silva: João Martins de Athayde: Tip. São Francisco, 1958.
- SOBREIRA, I. B. *Carcará*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- SUASSUNA, A. *Auto da compadecida*. 34. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2004.